

TEXTOS BÍBLICOS: REESCRITA, LEITURA E LETRAMENTO

Edsel Rodrigues TELES
(Orientadora): Profa Dra Raquel Salek Fiad

RESUMO: A Igreja Católica ainda exerce considerável influência sobre uma parcela da população brasileira. Em meados de 2000, começou a possibilitar o contato com uma prática de letramento bastante peculiar: os fiéis que frequentam a missa passaram a ouvir uma versão da Bíblia, a do Evangeliário, diferente daquela que liam. Essa versão contém os Evangelhos reescritos segundo alguns parâmetros que chamo de universalização e oralização. Levando em consideração essa prática, este trabalho, parte de minha pesquisa de Iniciação Científica, verifica as principais estratégias de reescrita do texto bíblico, observando que, ao reescrever, a Igreja forma imagens de leitor e de texto bem diferentes daquelas das versões antigas da Bíblia. A Igreja busca se reaproximar da tradição oral, e, para tanto, destaca a leitura ouvida na missa.

Palavras-chave: Letramento, reescrita, leitura, Bíblia, Evangeliário.

Introdução

Este texto fala sobre as atividades realizadas na pesquisa de Iniciação Científica *Textos bíblicos: reescrita, leitura e letramento*, orientada pela Prof^ª Dr^ª Raquel Salek Fiad. A pesquisa, em linhas gerais, parte da constatação de que a Igreja Católica, no ano 2000, começou a utilizar uma nova versão dos textos da Bíblia em seus rituais. Essa versão é uma reescrita dos textos anteriores e foi organizada em dois novos livros: o Lecionário e o Evangeliário. A pesquisa foca-se no segundo, que traz os textos dos quatro Evangelhos¹ e busca verificar que impactos essa reescrita traz aos leitores da Bíblia que participam da missa, acostumados ao texto canônico. Uma vez que 98% dos brasileiros têm materiais escritos em casa, incluindo a Bíblia², algumas considerações dessa pesquisa podem ser abrangentes.

Para que se pudesse observar com mais rigor as influências da reescrita nos leitores da Bíblia, foi necessário realizar uma análise linguística mais detalhada dela, que se configurou como um segundo objetivo da pesquisa. Com essa análise, foi possível observar que diretrizes a nortearam. Finalmente, a análise

¹ Textos escritos por quatro apóstolos do Cristo: João, Lucas, Marcos e Mateus. Esses textos têm uma posição especial dentro da missa, o que justifica a escolha como objetos centrais da pesquisa.

² Fonte: INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional – 2001.

permite elencar diversos recursos de reescrita que, se organizados, podem funcionar como material no ensino de língua portuguesa. Assim, um terceiro objetivo é verificar a possibilidade de trazer esse gênero para a sala de aula, atentando para a importância da reescrita no aprendizado do português escrito. Neste trabalho, focarei somente um dos três objetivos da pesquisa, qual seja: a análise linguística da reescrita. Procuro responder quatro questões que considero fundamentais: quais são as alterações que acontecem na versão do Evangelário? É possível estabelecer regras gerais que orientem essa reescrita? Que fatores motivam essas alterações? Quais são as imagens de texto e de leitor que se formam com essa reescrita?

Para a análise linguística da reescrita, procurei selecionar textos que fossem conhecidos dos leitores, cânones. Acontecimentos famosos e importantes para os católicos que são descritos nos Evangelhos, como o nascimento do Cristo, seus milagres e sua morte, tiveram privilégio. Foram feitas análises de sete textos, dois sobre o nascimento de Jesus, um sobre a visita dos pastores a Maria e José, um sobre a morte de Jesus, um sobre sua ressurreição, um sobre a cerimônia de lava-pés e um com parábolas famosas contadas pelo profeta.

Antes de iniciarmos a análise propriamente dita, façamos um histórico de como o texto bíblico é usado pela Igreja Católica.

Textos bíblicos e sua utilização pela Igreja Católica

A prática de leitura dos textos bíblicos durante a missa é exercida desde os primórdios da Igreja, especialmente depois que Jerônimo de Antioquia (hoje São Jerônimo, santo católico) realizou a tradução dos textos do latim para alguns dos dialetos vulgares de sua época: italiano, francês, português, espanhol. Alguns participantes da missa e o padre, sacerdote que organiza todo o ritual, realizam a leitura de textos bíblicos pré-selecionados num determinado momento da missa. Eles fazem a leitura em pé, no altar. A leitura é realizada a partir de um livro mais ornamentado. Aos outros participantes da celebração, cabe acompanhar silenciosa e atenciosamente o texto lido.

Podemos chamar essa prática como uma das variações da leitura em voz alta. Se hoje este tipo de leitura está cada vez mais restrito a algumas situações, durante a Idade Média era a norma. Dos *joglars*³ aos trovadores, da leitura informal à leitura institucionalizada, ler em voz alta era tão comum que as ações se mesclavam mesmo na linguagem: em aramaico e hebreu antigos, os verbos

³ Os poetas cantores da nobreza medieval.

ler e falar eram designados pelo mesmo signo. Como eram poucos os que sabiam ler, a leitura era compartilhada entre a comunidade por um *lector* que lia o livro a uma plateia. O texto era até mesmo produzido com a expectativa de ser lido em voz alta. Cada *lector* deveria conhecer o texto que leria, e isso implicava diversas leituras anteriores àquela feita para o público. O texto era praticamente decorado pelo leitor, que encenava o ato de ler. Quando da leitura ao público, eram incluídos diversos recursos: gestualidade, ênfases, reações emocionais. A prosódia era auxiliada pelo sistema de pontuação de Aristófanes de Bizâncio.

Na Igreja, a leitura em voz alta ganha um estatuto sagrado por conta de todo o ritual que a envolve. Os livros utilizados, o altar, a posição do leitor são aspectos que tornam a prática institucionalizada e sagrada. O próprio livro utilizado é mais ornamentado, com uma distribuição gráfica mais apropriada e detalhes mais exuberantes. Conforme MANGUEL (1997):

“Durante o ato de ler (de interpretar, de recitar), a posse de um livro adquire às vezes o valor de um talismã.” (p.143)⁴

No ritual religioso, o livro adquire estatuto especial que vai além daquele que adquire com a leitura em voz alta. CHARTIER (1992) nos aponta:

“...os rituais eclesiais em geral exigem que os objetos escritos sejam colocados no centro da cerimônia.” (p.232)⁵

Somente a prática corriqueira da leitura em voz alta que ocorre na missa já poderia ser fonte de uma pesquisa sobre como os leitores se comportam nessa cada vez mais rara situação de leitura. No entanto, outro fator a torna ainda mais interessante: em 2000, por decisão da *Congregação para o Culto Divino e a Disciplina dos Sacramentos*, órgão do Vaticano responsável pela escolha das leituras que devem ser feitas nas missas, a Igreja Católica alterou os textos lidos no altar. No lugar dos textos antigos, entrou uma versão reescrita mais facilitada. Em minha pesquisa foquei somente os Evangelhos, dada a impossibilidade de abarcar toda a Bíblia para análise (e mesmo todos os textos dos Evangelhos). Os Evangelhos da Bíblia, lidos pelo padre, foram substituídos pelos Evangelhos do Evangelário. A consequência dessa decisão é que os textos lidos no altar são diferentes daqueles que são acompanhados pelos participantes da missa. Nesta

⁴ MANGUEL, A. (1997). *A leitura ouvida*. Em: “Uma História da Leitura”. Companhia das Letras, SP. Tradução de Pedro Maria Soares.

⁵ CHARTIER, R. (1992). *Texto, impressão, leituras*. Em: HUNT, L. (org.). “A Nova História Cultural”. Martins Fontes, SP. Tradução de Jefferson Luiz Camargo.

pesquisa vou analisar as diferenças entre a Bíblia editada pela editora *Ave Maria* e a versão reescrita do Evangelário. Primeiro porque, em grande parte, a versão do Evangelário foi cotejada com esta edição; segundo, devido ao fato de que é esta a versão da Bíblia utilizada pelos participantes da comunidade que serviu de base para a pesquisa. Segundo o padre J. P., as Bíblias da *Ave Maria* são muito utilizadas pelos católicos por conta da influência da *Renovação Carismática*, corrente da Igreja que recomenda esta edição. Contudo, a característica dela, como o próprio padre aponta, é a dificuldade da leitura, um texto próprio para estudo.

J. P.: As versões são várias, tem da Ave Maria, CNBB, Paulinas, Vozes, Aparecida, *Vulgata*, Jerusalém, Canção Nova, Tebi, Peregrinos, mais de 12 versões você vai achar, o que é uma riqueza. Mas elas são mais pra estudos, você pega o texto e vê que é um texto difícil...

A reescrita dos textos bíblicos

Da mesma forma que os editores de *Troyes* utilizavam técnicas de reescrita nos famosos Livros Azuis para adaptar um texto que não muda a um público sempre mutável, atividade descrita por CHARTIER (2001), penso que o objetivo da reescrita dos livros bíblicos seja semelhante.

Com o advento e socialização da leitura, a quantidade de pessoas com acesso a ela aumentou drasticamente. CHARTIER (2001) defende que o número é até mesmo maior que o documentado, uma vez que os documentos só levam em consideração as assinaturas de homens, desconsiderando mulheres e crianças, muitas vezes alfabetizados pela instituição religiosa. Assim, o número de leitores nos séculos XVII e XVIII era considerável. Trazendo essa questão para a realidade brasileira atual, temos a grande dificuldade que a escola tem no ensino de leitura e escrita.

Relacionando esses dois aspectos à minha pesquisa, é possível imaginar que o número de leitores participantes do ritual religioso aumentou sem que a Igreja adaptasse os textos da Bíblia a essa nova realidade. Eles continuam sendo basicamente os reservados ao estudo. Assim, a reescrita existente no Evangelário visa a cumprir essa lacuna: a ideia é existir um texto que se adéque ao novo público. Nas palavras do padre J. P.:

J. P.: [O Evangelário existe] Pra facilitar o entendimento, num linguajar mais fácil e universal, se você pega o Evangelho aqui, é o mesmo texto, tanto aqui quanto lá em Campinas. Agora se fosse a Bíblia, aqui você pega a Ave Maria, e lá em Campinas a Pastoral... há as diferenças... [...] No mundo inteiro, então, é o mesmo texto... cada um na sua língua, mas no Brasil, do sul ao norte, é o mesmo texto.

Na tentativa de adaptar o texto ao público, a reescrita dos textos segue duas diretrizes: chamo-as de oralização e universalização.

A oralização diz respeito à tentativa de aproximar o texto da oralidade. De fato, CHARTIER (1992), assim como diversos outros autores, apontam as discrepâncias existentes entre o registro impresso e o texto oral. Como o texto na missa é proclamado pelo padre para os participantes, é interessante que esses textos apresentem elementos de oralidade. Vale ressaltar que o texto não deixa de ser escrito, apresentando, pois, características de texto escrito. É interessante perceber como a reescrita procura atenuar este fato, acrescentando elementos de oralidade. Vou elencar quatro principais estratégias que considere como recursos que servem à oralidade. Os exemplos que citarei foram analisados de acordo com a metodologia de NÓBREGA (2000), baseada em FUCHS (1994), que propõe quatro *operações elementares*, a saber: *acréscimo* de um novo elemento em algum ponto do enunciado; *omissão* de um elemento presente em passagem equivalente do texto-base (no caso, o texto retirado da Bíblia); *inversão* dos elementos em relação ao texto-base; *substituição* de um elemento ou de um grupo por outro⁶.

1. Repetição de termos, com conseqüente diminuição de elementos referenciais: na leitura em voz alta, o leitor não tem a facilidade de retornar várias vezes a trechos anteriores para saber a que termo um determinado elemento referencial se refere. Assim, muitas vezes a presença de um anafórico pode se configurar como um problema, uma vez que aquele que ouve a leitura pode não se lembrar do termo ao qual ele se refere. Os exemplos abaixo, retirados de Lucas, capítulo 2, versículos 6, 9 e 18, ilustram esse movimento. Acima, temos a versão da Bíblia, e, em itálico, a versão do Evangeliário:

6 Estando eles **ali**, completaram-se os dias dela.

6 Enquanto estavam **em Belém**, completaram-se os dias para o parto,

9. Um anjo do Senhor apareceu-lhes e a glória do Senhor refulgiu ao redor **deles**, e [] tiveram grande temor.

9. Um anjo do Senhor apareceu **aos pastores**, a glória do Senhor **os** envolveu em luz, e **eles** ficaram com muito medo.

18. Todos os que **os** ouviam admiravam-se das coisas que lhes contavam os pastores.

18 E todos os que ouviram **os pastores** ficaram maravilhados com aquilo que contavam.

⁶ Na verdade, essa nomenclatura foi criada e utilizada por autores anteriores a FUCHS (1994). São eles: BELLEMIN-NOEL (1977), GRÉSILLON & LEBRAVE (1982).

O versículo 6 traz a substituição de um dêitico, *ali*, por *em Belém*. Nos versículos 9 e 18, temos a substituição dos anafóricos *lhes* e *os* pelo termo referente, *pastores*. Vale lembrar que essa tendência não significa a total exclusão de elementos referenciais. No próprio trecho, há mais alguns elementos sublinhados, inclusive uma elipse na versão da Bíblia. Pode-se dizer que, quanto mais distante o referente, mais provável é sua repetição na versão reescrita.

2. Explicitação de termos: muitas vezes, quando se lê em voz alta, perde-se o que se falava no início da sentença. Além disso, é difícil se lembrar com clareza de todos os elementos referenciais quando ocorrem muitas elipses ou anafóricos. Uma das soluções para esse problema foi apontada em 1. A outra é a explicitação dos termos. Assim, sujeitos, adjuntos e objetos são recuperados com mais frequência na versão do Evangeliário. O versículo 16 de Lucas, capítulo 2, exemplifica essa estratégia:

16 [] Foram com grande pressa [] e acharam Maria e José, e o menino deitado na manjedoura.

16 *Os pastores foram às pressas a Belém e encontraram Maria e José, e o recém-nascido, deitado na manjedoura.*

3. Utilização de estruturas sintáticas com menos inversões: na versão da Bíblia, é comum encontrar sentenças com muitas inversões sintáticas em relação à ordem direta. Com a expectativa de que quem ouve espera estruturas mais familiares, como a ordem direta (SUJEITO + VERBO + COMPLEMENTOS), ou, pelo menos, com um adjunto adverbial à frente ou, ainda, estruturas do tipo VERBO INTRANSITIVO + SUJEITO, a versão do Evangeliário reorganiza as sentenças. Abaixo, dois exemplos eficientes. A primeira passagem é o começo do versículo 20, de Lucas, capítulo 2. A segunda, o versículo 1a do capítulo 15 de Marcos. Ambas apresentam inversões:

20 **Voltaram os pastores**, glorificando e louvando a Deus por tudo o que haviam ouvido e visto...

20 *Os pastores voltaram, glorificando e louvando a Deus por tudo que tinham visto e ouvido...*

1 Logo pela manhã **se reuniram os sumos sacerdotes com os anciãos, os escribas e com todo o conselho.**

1 *Logo pela manhã, os sumos sacerdotes, com os anciãos, os Mestres da Lei e todo o Sinédrio reuniram-se (...)*

4. Acréscimo de construções do tipo *Era uma vez*: assim como nas velhas histórias infantis de tradição oral, identifico que a versão do Evangeliário

incluir, no início de cada texto, construções que chamam a atenção do leitor para o que será contado. São, essencialmente, estruturas que localizam o leitor no tempo ou no espaço da história, ou que fazem um resumo do que será contado. Dão o tom de que o que será lido no altar é uma história. Os três exemplos abaixo foram tirados, respectivamente, de Lucas, capítulo 2, versículo 1º, João, capítulo 13, versículo 1º e Mateus, capítulo 1º, versículo 18.

1 Naqueles tempos apareceu um decreto de César Augusto, ordenando o recenseamento de toda a terra.

1 Aconteceu que, naqueles dias, César Augusto publicou um decreto ordenando o recenseamento de toda a terra.

1 Sabendo Jesus que chegara a hora de passar deste mundo ao Pai [...]

1 Era antes da festa da Páscoa. Jesus sabia que tinha chegado a sua hora de passar deste mundo para o Pai [...]

18 Maria, sua mãe, estava desposada com José [...]

18 A origem de Cristo foi assim: Maria, sua mãe, estava prometida em casamento a José [...]

Com relação à universalização da versão do Evangeliário, atribuo dois sentidos diferentes a essa diretriz. O primeiro sentido, ao encontro do que o padre afirma, diz respeito ao fato de que todas as missas em todas as igrejas católicas brasileiras terão um mesmo texto a ser lido. Trata-se de uma padronização nos textos usados pela Igreja no Brasil. Ao invés de cada igreja fazer uso de uma edição da Bíblia, todas se guiam pelas versões únicas do Evangeliário e Lecionário.

O segundo sentido de universalização traz a ideia de que o texto do Evangeliário se adéqua a um leitor universal. As edições da Bíblia sempre buscam um leitor específico: estudiosos, padres, crianças. O Evangeliário tem o objetivo de se adequar a uma espécie de leitor-base de nossa sociedade. Daqueles que tiveram menos oportunidades de estudo àqueles que cursaram o ensino superior, o Evangeliário, de acordo com o objetivo da Igreja, atende a todos.

No que concerne a essa tentativa de universalização, minha análise encontra duas principais estratégias, que vêm a seguir:

1. Uso de palavras e expressões mais correntes: são inúmeras as substituições na reescrita do Evangeliário que, a meu ver, pretendem universalizar o texto a partir do uso de um léxico menos erudito, mais conhecido e corrente. Palavras e expressões antigas são substituídas por outras mais atuais, termos eruditos ou em desuso dão lugar a termos mais usuais. Também dentro desta estratégia, há a omissão de palavras pouco usadas

atualmente. Abaixo, versículos 4, 6, 10, 14 e 15 de Lucas, capítulo 2. Todos eles apresentam substituições, à exceção de 10, que omite o advérbio *eis*. Há também o versículo 4 do capítulo 13 de João.

4 Também José subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré [...] porque era da **casa** e família de Davi,

4 *Por ser da família e **descendência** de Davi, José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia [...]*

6 **Estando eles ali**, completaram-se os dias dela.

6 *Enquanto estavam em Belém, completaram-se os dias para o parto,*

10 O anjo disse-lhes: “Não temais, **eis** que vos anuncio uma boa nova que será alegria para todo o povo:

10 *O anjo, porém, disse aos pastores: “Não tendes medo! [] Eu vos anuncio uma grande alegria, que o será para todo o povo:*

14 “Glória a Deus no mais alto dos céus e na terra paz aos homens, **objetos da benevolência (divina).**”

14 *Glória a Deus no mais alto dos céus, e paz na terra aos homens **por ele amados**”.*

15 Depois que os anjos os deixaram e voltaram para o céu, falaram os pastores uns com os outros: “Vamos até Belém e vejamos o que se realizou e o que o Senhor **nos manifestou.**”

15 *Quando os anjos se afastaram, voltando para o céu, os pastores disseram entre si: “Vamos a Belém ver este acontecimento que o Senhor **nos revelou.**”*

4 levantou-se da mesa, **depôs as suas vestes** e, pegando duma toalha, **cingiu-se com ela.**

4 *levantou-se da mesa, **tirou o manto**, pegou uma toalha e **amarrou-a na cintura.***

2. Operações que aumentam a clareza do enunciado: algumas operações da reescrita visam a tornar o enunciado mais claro ou mais preciso, corrigindo informações, acrescentando-as ou organizando de forma mais sucinta. Trago três exemplos. O primeiro, versículo 3 do segundo capítulo de Lucas, acrescenta a informação de que as pessoas iriam participar do recenseamento de César Augusto em sua cidade natal, o que, aliás, justifica a informação do versículo 4, que uso como segundo exemplo. Sobre ele, temos que na versão do texto-base, percebe-se claramente como o período longo e cheio de intercalações dificulta a compreensão do trecho. A inversão realizada na reescrita melhora a estruturação do versículo, na medida em que coloca a oração causal em primeiro lugar, justificando a ação de José antes de que ela aconteça. Além disso, há a inversão dos apostos, que, tornando-se menores, melhoram a relação com cada termo que

explicam. O terceiro exemplo, de João, capítulo 13, versículo 7, exclui a mesóclise.

3 Todos iam alistar-se, cada um na sua cidade.

3 *Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade natal.*

4 Também José subiu da Galiléia, da cidade de Nazaré, à Judéia, à cidade de Davi, chamada Belém, porque era da casa e família de Davi,

4 *Por ser da família e descendência de Davi, José subiu da cidade de Nazaré, na Galiléia, até a cidade de Davi, chamada Belém, na Judéia,*

7 Respondeu-lhe Jesus: “O que faço não compreendes agora, mas **compreendê-lo-ás** em breve.”

7 *Respondeu Jesus: “Agora, não entendes o que estou fazendo; mais tarde compreenderás.”*

Resta agora comentar uma última operação, de substituição, que não se enquadra nas questões anteriores, mas que é igualmente interessante. Na verdade, ela ilustra como a reescrita atende aos interesses daquele que escreve o texto, tanto no plano linguístico quanto em outros aspectos. É o mesmo versículo 3, citado acima, juntamente com o versículo 13.

3 Todos iam **alistar-se**, cada um na sua cidade.

3 *Todos iam registrar-se, cada um na sua cidade natal.*

13 E subitamente ao anjo se juntou uma multidão do **exército** celeste, que louvava a Deus e dizia:

13 *E, de repente, juntou-se ao anjo uma multidão da corte celeste. Cantavam louvores a Deus, dizendo:*

As palavras do texto-base se referem ao campo semântico do exército, da guerra. Ambas são modificadas na versão reescrita por palavras de outro campo semântico. Os indícios mostram que há uma tentativa de afastar esse texto bíblico de qualquer relação com termos militares. Se levarmos em consideração nossa história atual, em que temos algumas disputas mundiais que se justificam por meio de argumentos religiosos, essa hipótese é ainda mais reforçada.

Considerações finais

Por meio de alterações básicas de reescrita – acréscimo, omissão, substituição e inversão –, as alterações no Evangeliário buscam satisfazer a uma nova demanda de leitores e a uma nova perspectiva da Igreja Católica. A reescrita, tornando os textos mais fáceis de serem compreendidos quando oralizados, por justamente apresentarem recursos da oralidade, contando com

uma seleção lexical mais corrente na atualidade e valendo-se de estruturas sintáticas mais diretas, consegue adequar o texto bíblico a um público mais heterogêneo, e que muitas vezes não tem o contato necessário com textos mais complexos, o que poderia ocasionar uma dificuldade na compreensão das versões antigas da Bíblia. De fato, em outros momentos da pesquisa, quando entrevistei participantes da missa, pude observar que isso é um aspecto positivo do Evangeliário. Por outro lado, essa mudança pode criar repulsa semelhante a quando o ritual católico passou do latim para o português. Os fiéis mais velhos e acostumados com o texto antigo podem sentir certo receio em aceitar as mudanças.

Num trabalho que pretende manter a tradição escrita, recuperar parte da tradição oral, de onde originalmente veio a Bíblia, manter os fiéis já acostumados com o texto bíblico antigo e conquistar novos por meio de textos menos fechados, era de se esperar que as opiniões fossem divergentes. A Igreja cria uma nova imagem do que seja o texto bíblico, uma imagem mais ao alcance das novas gerações, e uma imagem do que sejam os leitores do século XXI. A despeito dos problemas, é inegável que conseguiu produzir um material adequado à missa, que se vale da leitura em voz alta.

Em outros momentos de minha pesquisa, examino mais profundamente como a reescrita impacta o letramento do leitor da Bíblia. Além disso, reconhecendo o material como um exemplo real de como estratégias de reescrita podem auxiliar na aquisição de linguagem escrita e em diversas questões textuais, planejo de que forma ele pode ser usado em sala de aula.

Referências Bibliográficas:

- ABAURRE, M.B.M.; FIAD, R.S. e MAYRINK-SABINSON, M.L.T. (2002). *Cenas de Aquisição da Escrita – O Sujeito e o Trabalho com o Texto*. Mercado das Letras, Campinas.
- Bíblia Sagrada* (1996). 9ª edição, Ave Maria, SP. Tradução dos originais mediante versão dos monges de *Maredsous* (Bélgica) e pelo Centro Bíblico Católico. Revisado por Frei João José Pedreiro de Castro, OSM, e pela equipe auxiliar da editora.
- CHARTIER, R. (2001). *Do livro à leitura*. Em: *Práticas de Leitura*. Estação Liberdade, SP. Tradução de Cristiane Nascimento.
- CHARTIER, R. (1992). *Texto, impressão, leituras*. Em: HUNT, L. (org.). *A Nova História Cultural*. Martins Fontes, SP. Tradução de Jefferson Luiz Camargo.
- Evangeliário* (1999). 1ª Edição, Edições Loyola, SP.
- FIAD, R.S. (2006). *Escrever é reescrever*. Caderno do Professor. Ceale/Fae/UFMG, Belo Horizonte.
- KOCH, I.G.V., ELIAS, V.M. (2006) *Ler e Compreender: os sentidos do texto*. Contexto, SP.
- MANGUEL, A (1997). *A leitura ouvida*. Em: *Uma História da Leitura*. Companhia das Letras, SP. Tradução de Pedro Maria Soares.
- MANGUEL, A (1997). *Os leitores silenciosos*. Em: *Uma História da Leitura*. Companhia das Letras, SP. Tradução de Pedro Maria Soares.

NÓBREGA, M. J. M (2000). *Paráfrase, Autoria e Processos de Assimilação da Palavra do Outro*. Dissertação de Mestrado. SP.

Sites consultados:

Página do Vaticano: www.vatican.va

Página da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil: www.cnbb.org.br